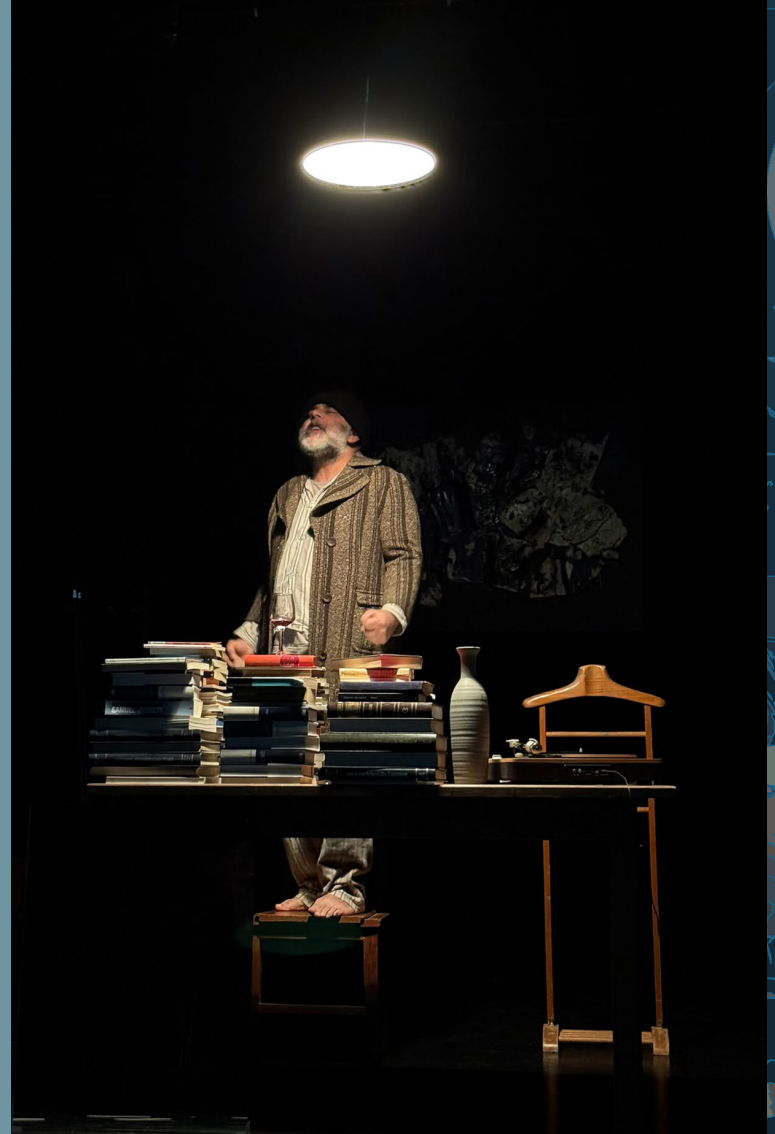
SAMUEL BECKETT nasceu a 13 de Abril de 1906 em Dublin. Em 1923, frequenta artes no Trinity College, onde desenvolve o interesse pela literatura através da influência do professor Thomas Rudmose-Brown. Em 1928, ganha um prémio de investigação com o ensaio *Unanimisme*, começando a ensinar francês e inglês em Belfast. A experiência pouco durou, mudando-se para Paris como leitor na École Normale. Conhece James Joyce e a futura mulher, a pianista Suzanne Dechevaux-Dumesnil. Publica o ensaio *Dante... Bruno. Vico... Joyce* e a ficção *Assumption* na revista vanguardista transition (1927-1938). Em 1930, surge a primeira publicação individual, o poema longo *Whoroscope*. Vai traduzindo vários textos e participando em revistas de pendor surrealista, enquanto escreve contos, poemas, investe no primeiro romance e interessa-se pela psicanálise. *Murphy* é publicado em 1938 após quarenta e duas recusas dos editores. Em 1941, junta-se à Resistência Francesa. Mais tarde, em 1945, à Cruz Vermelha Irlandesa. É honrado com a Croix de Guerre pela colaboração com a Resistência. Em 1950, assina contrato com Les Éditions de Minuit que o publicarão em França até ao resto da vida. *Godot* é publicado em 1952 e levado à cena no ano seguinte. O resto da vida é dedicado à escrita de peças de teatro, romances, contos, poemas, trabalho reconhecido com a atribuição do Nobel da Literatura em 1969. Faleceu a 22 de Dezembro de 1989.

Ficha técnica e artística: recolha e montagem de textos por Henrique Manuel Bento Fialho, colaboração artística de Fernando Mora Ramos, participação de Rebeca Vendrell, captação e operação de som e vídeo por Raquel Capitão, luz de Hâmbar de Sousa.

Caldas da Rainha

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES



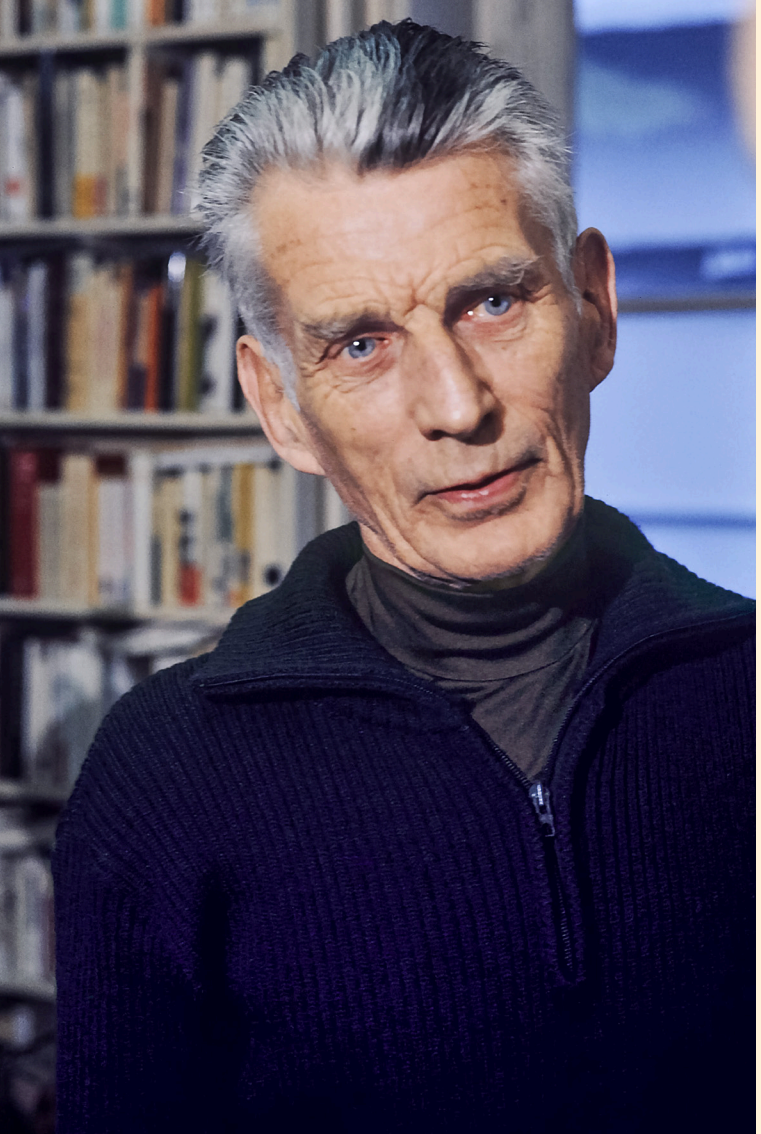
DIGA 33

POESIA NO TEATRO
programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

DIGA BECKETT – Acto Cénico

TEATRO da RAINHA

17 novembro 2026



Abutre: *The Vulture* (O Abutre) é o primeiro poema de *Echo's Bones and Other Precipitates* (1935), colectânea de treze poemas de que se fizeram apenas 327 cópias. Marcados pela perda do pai em Junho de 1933, estes poemas de Beckett resultam como cristalizações de um tempo que já não existe, mas que ecoará nos trabalhos subsequentes do autor. Nascidos da perda e da morte, são embrião do trabalho posteriormente desenvolvido e realizado.

Espelho: o espelho surge várias vezes na obra de Beckett enquanto elemento enganador da percepção. Parecendo duplicar a realidade, o espelho inverte-a. É um recurso que nos oferece menos o reflexo, uma imagem virtual, do que a consciência da fraude que essa imagem devolvida representa. Assaz presente temos o gesto de O, o velho de *Film* (1965), realizado por Alan Schneider com argumento de Beckett, que se afasta de todos quantos possam olhá-lo. Ao ver um espelho, aproxima-se de lado e cobre-o com um pano.

***Footfalls*:** peça curta escrita em 1975 para a actriz Billie Whitelaw. Rose Hill participava como a Voz. O título remete para um verso de Eliot: "Footfalls echo in the memory". Os passos, as pegadas que na peça separam uma mulher de meia-idade da mãe acamada, sugerem a repetição do tempo e uma ideia de confinamento que termina com o eco da voz materna num palco vazio.

Happy Days*:** Peça em dois actos, escrita em inglês e traduzida para francês como ***Oh, les beaux jours. Madeleine Renaud interpreta Winnie. É ela que ouvimos na gravação em vinil, da Disques Adès, realizada a 13 de Janeiro de 1964. Uma crítica do humanismo, a peça representava, para Beckett, reflexões profundas que não deveriam ser examinadas de um modo estritamente racional.

***Krapp's Last Tape*:** peça em um acto escrita em 1958. Tomámos como referência a imagem de um homem isolado que rejeitou o amor e a vida burguesa na demanda de fins espirituais elevados, rodeado de livros em vez de cassetes neste acto cénico, mas igualmente fracassado, próximo da morte e na penúria. As vozes gravadas evocam também essa relação com a memória em *Krapp*, assim como o desejo e o apetite sexual na sua relação com um mundo extinto.

Música: Beckett era pianista, explorou em vários momentos possíveis analogias entre composição dramática e formas musicais. Basta pensar em *Words and Music* (1961), uma peça para rádio. O seu trabalho inspirou vários compositores, tais como Philip Glass, Humphrey Searle ou Morton Feldman, de que a dada altura ouvimos um excerto de *For Samuel Beckett* (1987), curiosamente composta no mesmo ano em que faleceu.

Poesia: A relação de Samuel Beckett com a poesia manteve-se ao longo da vida, com a edição de várias recolhas de poemas em inglês e francês, leituras radiofónicas e a subscrição do manifesto surrealista "A Poesia é vertical". De dificílima tradução, dele se conhece em língua portuguesa apenas os *Poemas Escolhidos* editados pela Dom Quixote em 1970, com tradução de Jorge Rosa e Armando da Silva Carvalho. Optámos por incluir nesta recolha o texto *Coisa Nenhuma*, originalmente publicado em 1979. Esteve para ser incluído numa colectânea de poesia, mas o autor resistiu à inclusão considerando-o antes um texto em prosa. Foi musicado por Morton Feldman. A versão que apresentamos tem tradução de HMBF.